
A representação do professor nos romances de Jeferson Tenório

The Representation of the Teacher in Jeferson Tenório's Novels

Autoria: Hugo Ricardo Lengert

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1408-5933>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9214648559822762>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.208921>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/208921>

Recebido em: 03/03/2023. Aprovado em: 06/05/2023.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 12, n. 22, jan.-jun., 2023.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.

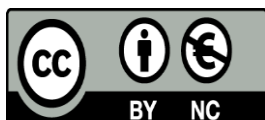
Contato: opiniaes@usp.br

 fb.com/opiniaes  @revista.opiniaes

Como citar (ABNT)

LENGERT, Hugo Ricardo. A representação do professor nos romances de Jeferson Tenório. *Opiniões*, São Paulo, n. 22, pp. 80-98, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.208921>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/208921>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

a representação do professor nos romances de Jefferson Tenório

The Representation of the Teacher in Jefferson Tenório's Novels

Hugo Ricardo Lengert¹

Universidade Federal do Pampa – Unipampa

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.208921>

¹ Graduado em Letras - Português, Licenciatura, pela Universidade Federal do Pampa. Atuou como professor de língua portuguesa, literatura e língua inglesa em escolas públicas. Possui textos publicados em livros, jornais e revistas, além de prêmios na área literária. E-mail: hrlengert@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1408-5933>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9214648559822762>.

Resumo

Este artigo tem o intuito de investigar como ocorre a representação do professor como personagem nos romances *O beijo na parede* (2013), *Estela sem Deus* (2018) e *O avesso da pele* (2020b), do escritor Jeferson Tenório. Aspectos do enredo, do narrador e de outros personagens foram abordados neste estudo para compor a representação do professor como figura social e comportamental nos romances deste autor. A análise deste estudo ocorreu por meio de pesquisa bibliográfica baseada em estudos literários de Brasil (2019), Dalcastagnè (2005), Polesso (2018) e Spalding (2018), além de estudos sobre educação na escola de Alves (2010), Moysés (1994, 1998) e Zatti (2007). O escritor leciona Português na cidade de Porto Alegre e, por essa razão, constrói um retrato desses profissionais que trabalham com a educação básica num contexto de representação, pelo qual se analisa a figura do professor. Logo, a prosa de Tenório convida o leitor à reflexão sobre o papel dos educadores e, em especial, chama a atenção para o trabalho dos docentes nas escolas públicas.

Palavras-chave

Representação. Personagem professor. Romances de Jeferson Tenório. Literatura brasileira contemporânea.

Abstract

This article aims to investigate how the representation of the teacher as a character occurs in the novels *O beijo na parede* (2013), *Estela sem Deus* (2018) and *O avesso da pele* (2020b), by the writer Jeferson Tenório. Aspects of the plot, the narrator and other characters were addressed in this study to compose the representation of the teacher as a social and behavioral figure in this author's novels. The analysis of this study took place through bibliographical research based on literary studies from Brazil (2019), Dalcastagnè (2005), Polesso (2018) and Spalding (2018), as well as studies on education at the school of Alves (2010), Moysés (1994, 1998) and Zatti (2007). The writer teaches Portuguese in Porto Alegre and, for this reason, builds a portrait of these professionals who work with basic education in a context of representation, through which the figure of the teacher is analyzed. Therefore, Tenório's prose invites the reader to reflect on the role of educators and, in particular, draws attention to the work of teachers in public schools.

Keywords

Representation. Teacher Character. Jeferson Tenório's Novels. Contemporary Brazilian Literature.

1.introdução

Jeferson Tenório escreveu três romances: *O beijo na parede* (2013), *Estela sem Deus* (2018) e *O avesso da pele* (2020b). De acordo com dados biográficos que constam em seus romances (TENÓRIO, 2013, 2018, 2020b), o escritor nasceu em 1977, no Rio de Janeiro. Reside em Porto Alegre, cidade em que trabalha como docente e onde iniciou seus estudos em literatura. Realizou seu mestrado nesta área pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, atualmente, conclui doutorado em teoria literária na PUC-RS. Essa migração da capital fluminense para o sul do país é um itinerário recorrente dos personagens principais de seus romances, o que já denota algo da sua própria história inserida na narrativa. A propósito, conforme declaração dada pelo autor num artigo em que reflete sobre a construção de seu segundo romance, “a literatura é sempre um processo de migração [...]” (TENÓRIO, 2020a, p. 1). Para ele, mesmo que “[...] o texto literário contenha um tom confessional, ainda assim, exigirá do escritor uma espécie de migração de si próprio. [...]” (TENÓRIO, 2020a, p. 1).

Os três romances de Tenório tocam em temas como o racismo, o abandono, a pobreza, a solidão e a tristeza. As personagens não se encaixam no perfil de protagonistas romanescos, os quais trilham trajetórias que transformam pessoas comuns em vencedores. Os professores de Tenório, por exemplo, não protagonizam histórias de superação inspiradas nos paradigmas do aclamado esquema da jornada do herói. O educador Henrique Nunes, por exemplo, é retratado em *O avesso da pele* da seguinte maneira: “Você nunca se encaixou no perfil daqueles filmes sentimentais estadunidenses, em que os professores viram o jogo diante das situações mais adversas e hostis. Não mesmo, você não era desses.” (TENÓRIO, 2020b, p.158). O conflito não antecede a redenção mediante a aprovação da sociedade, pois não há aprovação, já que a existência dessas figuras é feita de luta contra a adversidade. O autor conta a história de sobreviventes. Por essa razão, a prosa desse romancista se aproxima da definição de literatura do escritor chileno Luis Sepúlveda:

Os escritos oficiais dedicam-se a destacar os vencedores, os grandes feitos. A literatura preocupa-se em contar a história dos pequenos, das pequenas pessoas, geralmente dos perdedores, dos derrotados, que são os mais interessantes da história. Eu deixo que a minha literatura tenha espaço para isso. (SEPÚLVEDA, 2017, s. p.)

A escrita desse ficcionista também é feita de personagens tristes. Contudo, para os sobreviventes que habitam as páginas do escritor, a tristeza não se torna autocompaixão, mas os impele “a inventar estratégias de sobrevivência.” (TENÓRIO, 2020b, p.181). Esse tom melancólico também impregna um dos palcos em que eles atuam. Em *O beijo na parede*, a capital gaúcha é descrita como uma cidade triste, uma metrópole de invernos rigorosos e distante dos verões do Rio de Janeiro. A pesquisadora Natalia Borges Polesso (2018), em declaração sobre Porto Alegre no primeiro romance de Tenório, afirma que “a frieza do lugar não é meramente física, é uma crueza de tratamento, oferecidos pela estrutura das grandes cidades” (POLESSO, 2018, p. 98).

Dentre tantas figuras que lutam contra as adversidades nas histórias de Tenório, encontram-se os professores. Em seu romance de estreia, o menino João é o narrador e, então, tem-se a percepção de um aluno sobre os seus professores (o docente de ciências e a educadora de português). Estela é a narradora do segundo romance, e, nessa obra, a presença dos docentes é mais sutil, mas deixa marcas na menina (a vontade de trabalhar com filosofia, o poema dado pelo professor de literatura para a amiga, os comentários na aula de biologia sobre o coração). O terceiro romance é narrado por um filho que refaz a trajetória dos pais. O pai é um educador de português e literatura. O filho reconstrói a vida desse homem com riqueza de detalhes que reconstituem as percepções do pai sobre a profissão docente e, por esse motivo, há o retrato bem elaborado dos desafios de um professor que enfrenta um sistema público de ensino precarizado, além de encarar o preconceito racial.

Nesse sentido, o presente artigo objetiva analisar a figura do professor nos romances *O beijo na parede* (2013), *Estela sem Deus* (2018) e *O avesso da pele* (2020b), de Jeferson Tenório sob a ótica da representação. Para realizar esta análise, aspectos como enredo, narrador e relação entre personagens são abordados para compor um retrato dos docentes como personagens na obra do escritor. Afinal, os educadores ganham voz e forma mediante a descrição do narrador e personagens, e também através das situações e cenas do enredo. Ademais, é necessário salientar a diferença entre verdadeiro e verossímil para que se compreenda o conceito de representação na ficção. Segundo Leite (1985, p. 12), "verossímil não é necessariamente o verdadeiro, mas o que parece sê-lo, graças à coerência da representação-apresentação fictícia." Logo, o que se busca aqui é contemplar a representação que o escritor faz do personagem professor. Tal tarefa parte de um referencial teórico que conta com obras de pesquisadores da área da literatura e da escrita criativa, como Brasil (2019), Dalcastagnè (2005), Polesso (2018) e Spalding (2018). Além disso, autores ligados à educação, como Alves (2010), Moysés (1994, 1998) e Zatti (2007), contribuem para que se possa por meio da comparação entre representação social – termo empregado pela psicopedagoga Lucia Moysés (1994, 1998) – e representação fictícia, trazer ao debate o papel da ficção como canal de reflexão sobre a realidade social. Afinal, conforme a pesquisadora Regina Dalcastagnè (2005), "um dos sentidos de 'representar' é, exatamente, falar em nome do outro" (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 16).

2. *o beijo na parede*

O beijo na parede é um romance dividido em dezessete capítulos, que seguem a ordem cronológica dos acontecimentos na vida do protagonista. É o relato de fatos que já aconteceram. A história é narrada por João, menino cuja trajetória é marcada por situações trágicas. Após a morte da mãe, o garoto deixa a cidade do Rio de Janeiro e vai com o pai para o Rio Grande do Sul. Em Porto Alegre, o personagem vive com esse estranho que o havia abandonado. "Grande pessoa era o meu pai. [...]. Ainda pretendo descobrir para que serve um pai – não achei nenhuma utilidade para ele" (TENÓRIO, 2013, p. 15). Depois do suicídio desse homem, o menino fica sozinho na casa que o pai alugara até ser enviado para um abrigo para crianças, de onde foge para a vida e se refugia no cortiço de Estela, moça que João

conhece nas ruas da capital gaúcha. Tais acontecimentos afetam a vida e a leitura de mundo desse personagem. Apesar da pouca idade, o menino vê o mundo com os olhos de quem já passou por coisas demais. A existência dele é luta pela sobrevivência no ambiente hostil da cidade. Esse narrador-personagem vai contando a sua história ao leitor, que é sempre permeada de comentários e reflexões sobre a sua existência e a vida dos outros personagens.

O trecho inicial da obra do escritor desvenda o tipo de narrador que se terá nas páginas seguintes: “Também quero acrescentar que sou um menino meio precoce. E quando a gente ganhar mais intimidade, eu conto por que fiquei assim. Se vocês acharem que vale a pena, eu conto.” (TENÓRIO, 2013, p. 7). Ou seja, um narrador que “narra em 1ª pessoa do singular, pois os fatos aconteceram com ele.” (SPALDING, 2018, p.118). Ele é o protagonista, o personagem principal que, inclusive, se dirige ao leitor para contar a sua história. E possui “um único ponto de vista [...]. Todas as ações, descrições, digressões e diálogos serão narrados do seu ponto de vista.” (SPALDING, 2018, p. 148).

Outro aspecto importante a destacar no trecho acima é o uso do verbo contar. Aqui fica evidente “a distinção entre narrar (*telling*) e mostrar (*showing*). Na verdade, essa distinção tem a ver com a intervenção, ou não, do narrador. Quanto mais esse intervém, mais ele conta e menos ele mostra” (LEITE, 1985, p. 14, grifos do autor). Assim, o menino se encarrega de reconstruir a sua história no papel de contador daquilo que viveu. E na ficção nada é fortuito, tudo cumpre uma função dentro da narrativa. As cenas de *O beijo na parede*, por exemplo, aparecem na narração para cumprir a função que, segundo o escritor e professor Luiz Antonio de Assis Brasil, cabe a cada cena dentro do universo ficcional: ajudar “o leitor a conhecer melhor o personagem”, além de “reforçar, potencializar, agudizar o conflito” (BRASIL, 2019, p. 182).

Por outro lado, os diálogos ou a falta deles (o silêncio, o incomunicável) também servem para lançar luz sobre a questão dos afetos. Ou precariedade de afetos, algo que dará significado para o título do romance: “Foi nesse tempo que peguei a mania de beijar paredes. Que é até bom negócio quando não se tem ninguém para amar” (TENÓRIO, 2013, p. 26). As falas do pai, sempre duras e desprovidas de compaixão, contribuem sobremaneira para a caracterização da figura paterna (as falas dos outros personagens são separadas das do narrador e sinalizadas com aspas, peculiaridade do discurso direto empregado pelo autor). Ademais, Tenório usa a técnica do sumário ao fazer “a referência de uma cena que não queremos [escritores] mostrar em todas as suas minúcias, e sim contá-la para o leitor” (BRASIL, 2019, p. 185). No trecho a seguir, o autor não constrói a cena do “bate-boca” em detalhes, apenas faz referência a ela: “Daí foi aquele bate-boca e no final fomos todos parar no meio da rua expulsos do restaurante” (TENÓRIO, 2013, p. 59).

O professor Luís Augusto Fischer (2016), em resenha sobre o primeiro romance de Tenório, chama a atenção para a questão da linguagem do protagonista que poderia, por vezes, soar inverossímil por conta da pouca idade do menino, detalhe que comprometeria a representação do personagem. É interessante notar que essa questão aparece em vários momentos nesse romance de estreia do autor. Durante a interação do menino com adultos, em mais de uma oportunidade, ao ouvir as declarações do protagonista, os outros personagens questionam se ele tem apenas a idade que diz ter. A melhor resposta é dada pelo próprio João:

A moça olhou para a Márcia Marina e depois olhou para mim.
“Olhe, João, você tem dez anos mesmo?”, perguntou a moça.
“Tenho.”
“É que você sabe muita coisa para sua idade”, disse a moça.
Na verdade, eram eles que sabiam pouco da vida, pois quando se perde uma mãe por câncer e um pai por enforcamento, a gente fica mais esperto. (TENÓRIO, 2013, p. 50)

A relação de João com a escola já aparece nas primeiras páginas de *O beijo na parede*. O garoto avalia de maneira negativa o seu desempenho como estudante. E, em seguida, menciona, pela primeira vez, os professores: “Sei porque eu via isso na cara dos professores e eles tinham pena da minha lerdice. Acharam até que eu possuía uma espécie de autismo. [...] E na escola aprendi que professores não acreditam em alunos lerdos” (TENÓRIO, 2013, p. 8). A escola o diagnostica como um discente lento que sofre de desatenção. Para a psicopedagoga Lucia Moysés (1994), essas percepções negativas do educando sobre seu desempenho surgem da relação entre autoconceito e rendimento escolar, e afetam os estudantes, pois “o fato de se considerar bom ou ruim pode acabar influenciando o seu desempenho escolar na medida em que poderá afetar o seu grau de esforço, de persistência e o seu nível de ansiedade” (1994, p. 38).

Professores que sentem pena do aluno e o acusam de lerdo, desatento ou hiperativo, com certeza, não estimulam ou encorajam os estudantes a aprender. A professora Irandé Antunes (2003) declara que “aprender não pode interessar a ninguém se é visto como um castigo, como uma coisa penosa, da qual a gente deseja ardentemente se livrar o mais cedo possível” (2003, p. 165). Temos, então, as primeiras impressões de João sobre escola e professores.

A escola será também o lugar que colocará João em contato com o racismo. “Posso dizer a vocês que foi na escola que soube pela primeira vez que eu era negro. [...] Na escola Cícero Pena, em Copacabana, meus colegas faziam muitas piadas sobre negros” (TENÓRIO, 2013, p. 19). A escravidão será tema da aula de uma professora, e João será chamado de escravo pelos colegas brancos. Para o menino, “todos me ensinavam que eu só podia ser preto, e não me deixavam ser simplesmente uma pessoa, [...] aquela professora loira até sentia pena de nós, os negros” (TENÓRIO, 2013, p. 20). Dalcastagnè (2005) afirma que “a pequena presença de negros e negras entre as personagens sugere uma ausência temática na narrativa brasileira contemporânea”, de modo que “ficam de fora a opressão cotidiana das populações negras e as barreiras que a discriminação impõe às suas trajetórias de vida” (2005, p. 46). A obra de Tenório não só dá voz a esses personagens, retratando a opressão desses sujeitos, mas também mostra que tanto a escola quanto os professores, em sua maioria, não abrem espaços para a problematização das questões sociais. João vive, segundo Polesso (2018), a singularidade de sua cor: “Da estranheza, a personagem nota a cor das pessoas que vivem ao seu redor e logo adiante se identifica como filho de um pai branco com uma mãe negra” (2018, p. 98).

Chega, então, o momento que o escritor introduz em sua história dois professores com perfis diferentes. A primeira professora leciona português para a turma de João:

Lembro-me da professora Ernestina, que já estava para se aposentar. Ela já tinha suportado o ensino por muito tempo. Estava cansada. E dizia que a culpa era nossa, pois a gente não tinha respeito e também não estávamos interessados. E todo o dia a gente escutava a mesma coisa. E deve ser por isso que o ensino deixa os professores cansados. A professora Ernestina tentava explicar o português pra gente. Enchia o quadro com muitos "eu", "tu", "ele", "nós", "vós", "eles". A gente tinha que copiar e depois ela mandava alguém ler. Ela sempre escolhia quem ficava na frente. A professora dizia apontando para o quadro: "Eu vendia", "tu vendias", "ele vendia". Daí alguém tinha que repetir: "eu vendia", "tu vendias", "ele vendia"...e assim por diante. Depois ela escolhia outra da frente e fazia um puxa-saco repetir "eu li", "tu leste", "ele leu", "nós lemos"... (TENÓRIO, 2013, pp. 26-27)

É importante notar que essa professora adota uma abordagem de ensino que enfatiza a memorização dos verbos conjugados sem o entendimento dos sentidos de cada tempo verbal e suas possibilidades de uso. O professor Celso Ferrarezi Junior (2014) afirma que "o estudo dos verbos nas aulas tradicionais da língua portuguesa tem sido um martírio para a maioria dos alunos" e que "a complexa morfologia de nosso sistema verbal e a insistência na memorização de todos os aspectos envolvidos na conjugação [...] tornam esse estudo cansativo, enfadonho e desestimulante" (2014, p. 9). Nas últimas décadas, os professores de língua portuguesa procuram tornar o ensino mais agradável e significativo. A exemplo disso, podemos citar o estudioso Ferrarezi Júnior (2014), que defende um estudo gramatical reflexivo para os estudantes.

Questão merecedora de destaque é o cansaço da professora Ernestina, pois se trata de uma queixa recorrente entre profissionais de educação. Para compreender essa questão, precisamos trazer à tona o conceito de representação social que "é uma forma de conhecimento socialmente elaborada e compartilhada, [...] ela [representação social] concorre para a construção de uma realidade comum a um determinado grupo social" (MOYSÉS, 1994, p. 59). Em estudo realizado com educadores da educação básica, a pesquisadora Lucia Moysés (1994) trata do cansaço e do desânimo que marca o trabalho dos docentes:

Tive a oportunidade de estudar as representações sociais de professores de escolas públicas de educação básica, na cidade do Rio de Janeiro (Moysés, 1994b). E o que o estudo revelou não foi surpresa para ninguém: no núcleo das representações sociais que os professores compartilhavam a seu próprio respeito, havia a idéia (sic) de que eram profissionais desvalorizados. Reconheciam ser o seu trabalho marcado pelo desânimo e pela desesperança. Tratava-se de representações que me pareceram bastante consolidadas e uniformemente disseminadas entre os mais de 400 professores participantes do estudo. (MOYSÉS, 1994, p. 60)

Na sequência da narrativa, a professora é interrompida por João que fala sobre um livro que possui. Algo que surge na vida do menino por obra do acaso: "Foi por esse tempo que apareceu um livro no chão do nosso quarto. Não sei bem como ele foi parar lá, mas ele servia para equilibrar o pé da mesa que havia quebrado" (TENÓRIO, 2013, p. 13). O livro em questão é *Dom Quixote* e acompanhará o menino ao longo da história. Ernestina, contudo, repreende o garoto pela interrupção e segue com a sua série de repetições. O retrato dessa docente ainda contempla as conversas com os alunos sobre a sua infância, o casamento que não deu certo, a nostalgia dos tempos de estudante, os discursos sobre a indisciplina da turma. "Eu sentia que, mesmo sendo chata, ela gostava de nós" (TENÓRIO, 2013, p. 28).

Assim inicia a história de Divino, um professor que adota uma postura completamente diferente da professora Ernestina: "Ele era professor de ciências, mas nunca dava aula de ciências, ou se dava a gente não percebia. [...], ele trazia uma caixa. [...] Dentro da caixa estava a nossa aula" (TENÓRIO, 2013, p. 29). A caixa era aberta por um estudante que se encarregava de um exercício. Quando João é escolhido, ele recebe a tarefa de apresentar uma aula. O menino decide falar sobre *Dom Quixote*. Ao fazê-lo, Divino traz informações sobre a obra e pede para que João faça a leitura de alguns trechos na próxima aula que acontece e, no seu decorrer, o educador contribui com a sua leitura também. "O professor Divino leu com muito sentimento e as gurias se emocionaram, até começaram a fungar o nariz. Os guris se seguraram para poder debochar." (TENÓRIO, 2013, p. 33).

As aulas desse docente não seguem uma programação relacionada estritamente com o conteúdo de livros didáticos, o que revela uma concepção de ensino avessa aos métodos tradicionais e uma abordagem que busca a participação do aluno em uma atitude de sujeito reflexivo (João tem liberdade para falar sobre o que gosta e não gosta em *Dom Quixote*).

Todavia, a posterior ausência do educador na escola revela que os métodos dele não eram aprovados por todos: "não estavam gostando das aulas do professor Divino. [...] a diretora não gostava [...] nunca tinha tema [...] no caderno. [...] Outros pais também tinham reclamado" (TENÓRIO, 2013, p. 33). Cabe aqui uma reflexão sobre o que é necessário para que um docente seja considerado um bom profissional. Moysés (1994) afirma que "competente é o professor que tudo faz para tornar seu aluno um cidadão crítico e bem-informado, em condições de compreender e atuar no mundo em que vive" (MOYSÉS, 1994, p. 15). Entretanto, a pesquisa desta autora revelou que o perfil de educador aprovado pelos pais e pela escola é diferente: "É rigoroso, disciplinador e controlador. Subserviente e cumpridor de tarefas. Sobretudo, não 'cria caso com a direção'. [...] a forma de ensinar [...] leva a aprovar a maioria de seus alunos. [...]" (MOYSÉS, 1994, p. 127).

O seguinte trecho do romance de Tenório resume o que ficou de positivo para João de suas experiências com a escola e os professores: "Eu carregava o *Dom Quixote* para me lembrar do professor Divino – assim doía menos não ter ninguém" (TENÓRIO, 2013, p. 45).

3. *estela sem deus*

O segundo romance é narrado pela adolescente Estela. O livro é dividido em três partes: *A proteção do abandono* (composto de 20 capítulos, situa a narrativa nos acontecimentos no sul), *A margem esquerda do coração* (19 capítulos, trata da vida de Estela na capital fluminense, o envolvimento dela com a igreja e o reencontro com a mãe no Rio de Janeiro), *A margem direita* (14 capítulos, fala da ruptura com a igreja, o envolvimento com Francisco, colega de aula, e a gravidez). Cada parte inicia com uma declaração sobre Deus: “Deus não gosta de perguntas” (TENÓRIO, 2018, p. 13), “Deus não sabe fazer poemas” (TENÓRIO, 2018, p. 85), “Deus não joga xadrez” (TENÓRIO, 2018, p. 153).

O estilo de narrativa guarda algumas semelhanças com o primeiro livro, haja vista que a exposição dos acontecimentos ocorre na 1ª pessoa do singular, entremeada por comentários da narradora-protagonista. Mas a escrita do romancista assume as características do discurso indireto (as falas das outras personagens não se encontram mais separadas das declarações da narradora por meio de aspas, pois agora esta é quem diz o que a outra personagem enuncia). Todo o desenrolar da história continua, e como no primeiro romance, passa pelo crivo de um único ponto de vista que pertence à narradora. Temas como racismo e a ausência paterna continuam presentes, mas a mudança substancial está no perfil do narrador: uma adolescente negra que quer ser filósofa. E um tema assume um espaço preponderante na história: a religião. A experiência de Estela como estudante não é tão detalhada como no romance de estreia do autor. O papel do docente na história é pontual e sutil.

Tenório traz novamente para a história a questão da mudança do sudeste para o sul. No entanto, o périplo agora se dá no sentido inverso: a história inicia no sul e depois se desloca para o Rio de Janeiro, espaço da maioria dos acontecimentos narrados. Da mesma forma que a do João, a vida da menina Estela é marcada pela violência. Uma tragédia acontece no sul: o ataque de dois homens encapuzados que resulta no estupro da mãe da protagonista. A família ainda passa algum tempo no sul, mas depois, Estela e o irmão se separam da mãe, pois são enviados para a casa da madrinha Jurema, no Rio de Janeiro. Outro ponto merece destaque na narrativa, ela é marcada por mulheres fortes. Os papéis masculinos sempre serão maculados por sinais de fraqueza ou violência contra a mulher.

A admiração pela filosofia é algo que a menina acalenta como um bem valioso: o conhecimento daqueles que pensam na vida. Quando questionada sobre as funções do filósofo, Estela traz uma memória da escola: “Vítor me [...] perguntou o que uma filósofa faz. [...] Disse apenas que tinha lido num livro didático da escola que os filósofos são pessoas que pensam na vida” (TENÓRIO, 2018, p. 75). Quando Estela faz perguntas sobre a morte para a vó Delfina, a serenidade da senhora a encanta, e a menina reconhece que a vó também é filósofa. “As filósofas são assim: dizem palavras que só vão fazer sentido depois de terem feito certas voltas dentro da gente” (TENÓRIO, 2018, p. 17).

A escola é vista sob óticas diferentes por adultos e crianças. A mãe de Estela acredita que, sem educação escolar, a filha não tem futuro (TENÓRIO, 2018, p. 25). O adolescente Vitor, por sua vez, crê que a educação escolar não tem utilidade (TENÓRIO, 2018, p. 75). Durante a história, Estela enfrentará várias mudanças e períodos de afastamento do ambiente escolar. E neste, ao encontrar

dificuldades para fazer amizades, terá consciência da questão do preconceito: "os meninos talvez não se aproximassem muito por causa da minha cor preta e do meu cabelo crespo. [...], por isso comecei a ter inveja das meninas brancas" (TENÓRIO, 2018, p. 33). Mas chegará o momento que a escola também será um lugar de acolhimento para ela:

As coisas começaram a melhorar quando voltei a estudar. Em pouco tempo, meu círculo de amizades se ampliou. Agora a realidade me agradava mais que os sonhos. Não sabia mais se ainda queria ser filósofa, mas pensar na vida me fazia bem. As aulas de que eu mais gostava eram as de sociologia, literatura e filosofia. No início, eu não dizia nada durante as aulas, mas depois fui me sentindo mais à vontade para falar. (TENÓRIO, 2018, p. 165)

Essa passagem mostra a escola como espaço de interação entre alunos. A estudante Estela gosta de "pensar na vida" e encontra possibilidades para debater a realidade. Entretanto, a escola, muitas vezes, não dá oportunidade para o aluno participativo. "A escola promove a massificação enquanto pratica a mera repetição de idéias (sic) inertes, nega a participação, o debate e a análise de problemas" (ZATTI, 2007, p. 41). Estela se mostra uma aluna atenta que, inclusive, faz relações entre o conhecimento teórico e as suas percepções de vida:

Lembrei-me de um dia em que o professor de biologia nos explicou sobre o funcionamento do coração. Disse que na medicina os médicos costumam estudá-lo por partes. Depois nos mostrou um mapa do coração humano e eu achei aquilo fascinante. Em seguida, apontou para uma parte do mapa e disse que aquela era a margem esquerda do coração, responsável por bombear sangue para o corpo. Não recordo se era bem isso, lembro-me apenas do professor de biologia dizendo que a margem esquerda era três vezes mais forte que a da direita. Isso nunca me saiu da cabeça. Às vezes, penso que algumas pessoas devem ter nascido com duas margens esquerdas para poder dar conta da vida. (TENÓRIO, 2018, p. 129)

Curiosa, Estela também fica intrigada com o título de um livro que encontra na estante de uma vizinha. "Dona Julieta foi professora de português, e por isso tinha muitos livros em casa, [...] Estiquei meu pescoço para ver se conhecia algum. *Perto do coração selvagem*, eu li, na lombada" (TENÓRIO, 2018, p. 94). Estela buscará novamente esse romance de Lispector na casa de Julieta, enquanto espera o telefonema do pai com quem tem pouco contato. A vizinha lhe empresta o livro. Mas será Melissa, filha de uma amiga da mãe de Estela, quem irá falar sobre literatura. Ela se diz namorada de Saulo, professor de literatura, e também faz menção a outro clássico literário. "Melissa também alertou para eu não me enganar, porque o amor não existe. O amor é uma ficção da nossa cabeça. E que descobriu isso depois de ter lido um livro chamado *Dom Casmurro*" (TENÓRIO, 2018, p.

166). Dessa maneira, a literatura atrai ambas as personagens pela possibilidade de identificação do leitor com "situações que viverá um dia ou que espera jamais viver", assim como a oportunidade de "reconhecer-se em uma representação artística, ou reconhecer o outro dentro dela" (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 14).

Tenório (2020a) levanta uma questão importante em seu artigo sobre a construção do romance *Estela sem Deus*: "Poderia eu, como homem, narrar a voz de uma menina?" (TENÓRIO, 2020a, p. 6). Ou seja, o escritor questiona a construção da representação verossímil da personagem Estela. O autor afirma que usou traços de familiares na personagem. "A literatura está sempre próxima de nós. Nossos parentes, nossos amigos, esposas e maridos, todos são personagens em potência" (TENÓRIO, 2020a, p. 6). O romancista declara que "não há sentido em falar sobre quem está autorizado a criar, pois a literatura é justamente esse jogo de alteridade. É a possibilidade singular de frequentar outras vidas" (TENÓRIO, 2020a, p. 7). Portanto, Estela, segundo esse escritor, é verossímil e possível como "representação estética porque lidei com seus devires e não com identidades fixas. [...] Estela só pode nascer porque quis desvelar o estrangeiro que me habita. Migrar-se é o único modo de ser honesto inventando histórias" (TENÓRIO, 2020a, pp. 7-8).

A essa altura da pesquisa, é possível afirmar que os professores representados nos romances de Tenório parecem verossímeis porque o escritor usou a sua experiência docente como fonte de referência. Contudo, há escritores que escrevem histórias sobre personagens com profissões e cargos que estão fora do domínio de suas vivências. E executam tal tarefa com auxílio de pesquisa para evitar que inconsistências em seus relatos ficcionais comprometam a história por conta de falta de verossimilhança na representação. Assim, através de pesquisa, um escritor que não é advogado pode escrever um romance com cenas num tribunal de justiça. Além disso, as personagens também podem ser caracterizadas em planas e esféricas. "Personagens planas são aquelas que não mudam com as circunstâncias, [...] Em geral, são coadjuvantes, [...] já personagens esféricas são as capazes de surpreender de maneira convincente" (SPALDING, 2018, 106). Essa diferenciação, grosso modo, separa o estereótipo (plana) de uma personagem complexa, cheia de nuances (esférica).

A relação de Estela com o pastor Everaldo, personagem coadjuvante e plana, é fundamental para a compreensão do papel que a religião assumirá na vida da protagonista. A princípio, a garota vê o pastor como a figura paterna (de certa forma, também mestre e professor) que não teve, mas depois começa a questionar o papel que Deus e a igreja ocupam em sua vida. Sua fé é alicerçada em medo e culpa. Estela associa a trágica ocorrência do ataque dos homens encapuzados ao fato de não frequentarem a igreja no período, "aquilo aconteceu porque não conhecíamos o amor de Deus" (TENÓRIO, 2018, p. 106).

O trecho final do romance termina com uma reflexão sobre a natureza de Deus: "Deus estava espalhado em algumas mulheres que conheci. Deus não era homem. Deus sempre foi mulher" (TENÓRIO, 2018, p. 206). Além disso, o medo que prendeu Estela à religião é mencionado junto a outro tema recorrente na obra do escritor: a tristeza. "Sofremos o que tínhamos de sofrer. Não precisávamos ter medo de mais nada. A tristeza nos absolveria de Deus" (TENÓRIO, 2018, p. 206).

4. *o avesso da pele*

O terceiro e último romance publicado por Jeferson Tenório inova pela utilização de um narrador que foge dos padrões das obras anteriores. Luiz Antonio de Assis Brasil (2019), em texto sobre esse tipo de narrador, declara:

Isso é possível? Conhecer os sentimentos, entrar "dentro da cabeça" de um personagem, usando como pronome pessoal a segunda pessoa? Sim, é possível, mas muito excepcionalmente. Um ficcionista pode passar a vida inteira sem usar uma única vez uma segunda pessoa que conta a história. De quantos textos com essa técnica você se lembra? Viu? Eles são raros. (BRASIL, 2019, pp. 222-223)

O narrador da história é Pedro, filho de Henrique Nunes e Martha. Esse personagem fará a narração da história do pai (referindo-se a ele como você). Pedro também irá narrar a história da mãe (minha mãe), do casal (você ou você e minha mãe) e da família (nós, Pedro e os pais). Ele contará detalhes da própria vida (eu) e entrará na mente de um dos assassinos do pai (ele, o policial). É um narrador onisciente com mais de um ponto de vista e foco narrativo, embora, vale lembrar, que a maior parte se concentra na história do pai (você). Para dar conta dessa narrativa multifacetada, é usado o discurso indireto livre.

Alguns dos assuntos costumeiros do escritor se encontram na obra (tristeza, ausência paterna, personalidades femininas fortes), mas o tema central é o racismo. Tenório também retoma a questão do educador, como personagem central, que terá os pensamentos expostos pelo narrador onisciente. Henrique Nunes é a representação mais bem elaborada do personagem professor, pois nesse romance têm-se as impressões do docente. A obra é dividida em quatro partes: *A pele* (em três capítulos, Pedro investiga as coisas do pai e dá início a narrativa sobre Henrique), *O avesso* (são 14 capítulos, a história individual do pai e da mãe, da relação conturbada do casal, e, no capítulo 12, a história da paixão de Pedro por uma moça, Saharienne), *De volta a São Petersburgo* (em 5 capítulos, escola e os desafios da profissão de educador são os assuntos centrais, mas o capítulo 4 traz um histórico das abordagens policiais sofridas por Henrique), *A barca* (são 11 capítulos curtos, quatro deles – 1, 3, 5 e 7 – trazem o personagem policial que é atormentado por pesadelos com homens negros que invadem sua casa; os outros capítulos falam da escola, assassinato de Henrique – capítulo 8 – e reflexões sobre esta trágica morte). São Petersburgo faz referência ao romance *Crime e Castigo* de Dostoiévski e a barca é a maneira como é nomeada a viatura que transporta os policiais envolvidos na abordagem policial que levará à morte de Henrique. Nessa obra, o fato trágico (algo que sempre aparece nos romances desse autor) será narrado ao final da história.

A questão do périplo sudeste-sul também está presente. Embora a história se passe majoritariamente no sul, o narrador apresenta a história da mãe e do pai de Henrique no Rio de Janeiro (o pai de Henrique é carioca) e Martha tem uma passagem por Santa Catarina antes de embarcar para o Rio Grande do Sul. A morte do pai de Henrique e a sua ida ao Rio de Janeiro trazem à tona temas como abandono e ausência paterna, assuntos presentes nos romances anteriores. “Você tinha um

ano de idade quando seu pai sumiu no mundo. E você cresceu vendo sua mãe dar um jeito nas coisas” (TENÓRIO, 2020b, p. 69). Também paira sobre Henrique a sina das personagens de Tenório: ser sobrevivente. “Aos quatro anos de idade você ainda não sabia o que era superação e que essa seria uma condição permanente de sobrevivência”. E no trecho seguinte o narrador enumera três temas recorrentes na sua obra: “Anos a fio, suportar a pobreza, o racismo e a ausência paterna foi uma espécie de sinônimo de vida” (TENÓRIO, 2020b, p. 69).

Martha, a mãe de Pedro, perdeu os pais muito cedo e é acolhida por Madalena, outra personalidade feminina marcante. Madalena trabalha como professora de sociologia. “Mas não gostava de dar aulas. Gostava de ler, de pensar a sociedade, gostava de dissertar sobre Marx, sobre Durkheim. Mas não de dar aulas. Mesmo assim ela ia para a escola. Precisava se manter” (TENÓRIO, 2020b, p. 43). Essa é uma característica comum entre os docentes aqui representados: a paixão pelo conhecimento, pelos livros é colocada à prova pela precarização da escola, pela indisciplina e indiferença dos alunos. Essa indiferença dos estudantes colabora para a frustração desses professores que gostam de ler e estudar, mas, de acordo com Moysés (1998), “não basta que o professor ache o assunto relevante e significativo. É necessário que o aluno chegue também a esta conclusão. Só assim ele [aluno] terá condições de se apropriar do conteúdo” (MOYSÉS, 1998, p. 23).

Dentro da história, há um caso de educador que convence um aluno (o estudante Henrique) da relevância do assunto que ele traz para a aula: Oliveira, professor de literatura, “foi com o professor Oliveira que você descobriu que as raças não existiam. Numa única aula você aprendeu que a raça era uma mentira. Que a sua cor era uma invenção cruel e orquestrada por europeus” (TENÓRIO, 2020b, p. 33). Será esse docente que fará com que o jovem Henrique tome consciência da dimensão do preconceito na sociedade. Mais do que isso, Oliveira despertará em Henrique a vontade de buscar conhecimento: “E você gostava quando o professor Oliveira dizia palavras difíceis, pois anotava todas elas para mais tarde procurar seus significados” (TENÓRIO, 2020b, p. 34).

A primeira cena de Henrique atuando como professor aparece logo nas primeiras páginas e já é um prenúncio do calvário do protagonista. “Você caminha até o fundo da sala onde está o aluno que levantou a mão. [...], o menino projeta o corpo para frente e vomita em cima de você” (TENÓRIO, 2020b, p. 15). A descrição do cheiro nauseante na sala vem seguida de outra constatação: “mandaram chamar alguém da limpeza, mas [...] vai demorar, porque aquela é uma escola pública da periferia de Porto alegre e há poucos funcionários ali” (TENÓRIO, 2020b, p. 16). Em meio a esta cena, o narrador insere vários relatos do passado de Henrique, como o ataque de ansiedade na escola quando aluno, a ferida no estômago, a perseguição dos meninos que o confundiram com um assaltante, a dispensa do Exército. E, então, segue uma das passagens mais reveladoras do estresse a que são submetidos os professores da educação básica:

O sinal da saída toca. Os alunos levantam e te entregam a prova. Você não está bem. Após alguns períodos e um vômito na camisa, você só quer ir para casa, tomar um banho e descansar. Mas você não pode fazer isso, porque tem mais dez períodos de cinquenta minutos pela frente. Você se transformou numa máquina de dar aulas. Numa máquina de dar explicações. Numa

máquina de *ei*, já *pedi silêncio*. Numa máquina de *ei*, *preste atenção*. Uma máquina de *não pode ir ao banheiro agora*. Numa máquina de paciência para não espancar aqueles alunos que não querem saber de orações subordinadas. Você também não quer saber de orações subordinadas. Mas escola foi feita para isso. Foi feita para aborrecer os alunos. E você sabe que é parte dessa chateação. A cada turma que você entra, a cada hora gasta da sua vida, você vai sentindo que está no lugar errado. Você precisa ser honesto consigo mesmo: você não sabe como se tornou professor. (TENÓRIO, 2020b, p. 19, grifos do autor)

A palavra “máquina” é citada várias vezes nesse trecho e a reiteração desse vocábulo pode fazer referência ao processo educacional como ato mecânico. O professor máquina é um produto de um sistema de ensino que busca a concretização de metas (dar aulas, dar explicações, manter a disciplina em aula, manter a paciência para agir como máquina) de acordo com uma programação que prima por resultados a despeito do quão fatigante, enfadonho e desumano tal tarefa seja. Um professor máquina tão somente contribuirá para a formação de um aluno máquina, um ser passivo que deve “copiar mecanicamente regras, modelos, conhecimentos prontos” já que “na passividade ninguém é autônomo e não se torna o próprio construtor, para tal é preciso ação racionalmente dirigida” (ZATTI, 2007, p. 36). Um professor máquina não tem tempo para ouvir seus alunos, porque é necessário cumprir a programação, seguir o programa escolar, atingir metas, agir segundo um protocolo de ações para que o mecanismo não cesse.

Conforme Rubem Alves (2010), “o aprendizado do ouvir não se encontra em nossos currículos. A prática educativa tradicional se inicia com a palavra do professor” (ALVES, 2010, p. 27). Lutar para ser ouvido, mas não ouvir o que o outro (o aluno) tem a dizer. Falar, mas não deixar que falem. E, acima de tudo, seguir o programa da escola para tornar mecânico o processo educacional.

Assim como Madalena, a professora de sociologia, Henrique se torna professor porque acredita que o conhecimento pode transformar a realidade. “Até o fim você acreditou que os livros poderiam fazer algo pelas pessoas” (TENÓRIO, 2020b, p. 13). Mas Henrique mostrava sinais de cansaço:

Com o passar do tempo o desencanto tomou conta da sua vida. A escola e os anos de prática docente te transformaram num operário. Anos e anos acreditando que você estava fazendo algo significativo, mas vieram outros anos e anos e soterraram suas expectativas. A precariedade da escola venceu, e você estava cansado. (TENÓRIO, 2020b, p. 132)

Essa desilusão de Henrique com a carreira de educador será ilustrada em outras cenas, ao longo da história. É importante destacar que, neste último trecho, o escritor fala da transformação do educador em “operário”, ou seja, indivíduo que exerce um trabalho mecânico (trabalha feito máquina), sujeito que faz parte desse processo educacional que ocorre como ato mecânico. Então, o docente resolve não seguir a programação escolar: “Havia semanas não vinha seguindo o programa da

escola. Porque você estava cansado de seguir o programa. (TENÓRIO, 2020b, p. 163). E já cansado de tentar se fazer ouvir, sem mais se importar com a indiferença da turma, "passou a prestar atenção no que eles diziam entre si" (TENÓRIO, 2020b, p. 164).

Um grupo especialmente se exibia dizendo que *fulano matou não sei quem e agora sicrano vai mandar bala no fulano*. Você viu que eles contavam aquilo por prazer. Você os olhou, a maioria era composta de negros. E você sabia bem para onde eles estavam se encaminhando. Você deveria ser um exemplo para eles. O único professor negro da escola, certamente você deveria dar um exemplo [...]. (TENÓRIO, 2020b, p. 164, grifos do autor).

O professor Henrique consegue "a atenção de todos com um grito enérgico" e declara que "eu conheço um cara que matou duas pessoas, e tem mais: eu sei o que ele pensou antes de matar, eu sei o que ele pensou enquanto estava matando, e sei o que ele pensou depois de matar" (TENÓRIO, 2020b, pp. 164-165). E promete trazer "o cara" na próxima aula. O sujeito é Raskólnikov, personagem de *Crime e Castigo*, de Dostoiévski. Para espanto de Henrique, os alunos se envolvem com o texto do escritor russo. Henrique cumpriu um papel semelhante a um dos professores do escritor Rubem Alves (2010): "Falava com tal paixão sobre as grandes obras literárias que era impossível não ser contagiado. Eu o admirava porque nele brilhava a beleza da literatura, [...] Ele me fez amar a literatura" (ALVES, 2010, p. 68).

Henrique é a representação mais detalhada e elaborada do personagem professor nos romances de Tenório. É o retrato de um pai, professor e de um pai que se faz professor do filho.

5. considerações finais

O professor como personagem, muitas vezes, é retratado no cinema e na literatura como um sujeito autoritário e disciplinador ou como um indivíduo corajoso que enfrenta os obstáculos impostos por um sistema educacional arcaico com carisma e didática inusitada. Aos professores dos romances de Jefferson Tenório falta a rigidez do disciplinador e a intrepidez dos carismáticos. Essas figuras são, assim como todas as personagens desse escritor, sobreviventes. Criaturas que criam estratégias de sobrevivências para conviver com a precariedade, que não é apenas de ordem material, mas de afetos. E, por essa razão, são tão humanas e verossímeis em suas representações.

Afinal, segundo Assis Brasil (2019), "a narrativa deve convencer o leitor de um fato: tudo o que ali está é porque o personagem, pelo simples fato de existir, faz com que as coisas aconteçam. [...], os eventos de uma história estão enraizados nele" (BRASIL, 2019, pp. 35-36). E a profissão docente, com todos os seus desafios, pode inspirar a construção de ótimas personagens. O próprio Tenório (2020a, p. 6) afirma, em seu artigo sobre a construção de seu segundo romance, que a literatura se faz próxima de nós por meio de pessoas que conhecemos e que têm potencial para se transformar em personagens. É indubitável que professores são

personalidades marcantes. Toda pessoa que frequentou uma escola conta alguma história sobre uma professora ou professor.

De acordo com Regina Dalcastagnè (2005), “ao interromper suas atividades e abrir um romance, o leitor busca, de alguma maneira, se conectar a outras experiências de vida. Mas pode ainda querer entender o que é ser o outro” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 14). Essa migração de si que proporciona o vislumbre do outro é um papel fundamental da literatura. Assim, quando o escritor humaniza esse profissional da educação desvalorizado pela sociedade, ele mostra para o leitor que os problemas da educação são também problemas sociais que precisam ser debatidos e reavaliados. De tal forma, que a literatura cumpre o papel de denúncia contra essa desvalorização do docente.

referências bibliográficas

ALVES, Rubem. *Educação dos sentidos e mais...* 6. ed. Campinas: Verus Editora, 2010.

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *Escrever ficção: um manual de criação literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077/8085>. Acesso em: 12 fev. 2021.

FERRAREZI JR, Celso. *O estudo dos verbos na educação básica*. São Paulo: Contexto, 2014.

FISCHER, Luís Augusto. *Luís Augusto Fischer: O beijo na parede*. GZH, 2016. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2016/02/luis-augusto-fischer-o-beijo-na-parede-4970558.html>. Acesso em: 18 fev. 2021.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*. São Paulo: Ática, 1985.

MOYSÉS, Lucia. *A auto-estima se constrói passo a passo*. Campinas: Papyrus, 1994.

MOYSÉS, Lucia. *O desafio de saber ensinar*. 3. ed. Campinas: Papyrus, 1998.

POLESSO, Natalia Borges. Paisagens urbanas: narrativas de Porto Alegre em perspectiva. In: *Revista SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 22, n. 46, p. 87-101, 3º quadrimestre de 2018. Disponível em: <http://seer.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/17347/14087>. Acesso em: 10 fev. 2021.

SEPÚLVEDA, Luis. "A literatura conta a história dos pequenos, perdedores e derrotados." *Rádio Renascença*. Entrevistadora: Maria João Costa. Portugal, 23 jun. 2017. 1 vídeo (3m47s). Disponível em: <https://rr.sapo.pt/2020/04/16/reportagem/luiz-sepulveda-a-literatura-conta-as-historias-dos-pequenos-perdedores-e-derrotados/video/14179>. Acesso em: 13 fev. 2021.

SPALDING, Marcelo. *Escrita criativa para iniciantes*. Porto Alegre: Metamorfose, 2018.

TENÓRIO, Jeferson. As migrações de si e o estrangeiro revelado: A busca da alteridade na construção do romance *Estela sem Deus*. In: *Aquelarre. Revista de Literatura Infantil y Juvenil*. Maestría en Literatura para niños. Res. CONEAU n. 808/14. Facultad de Humanidades y Artes, Universidad Nacional de Rosario. Número 8, Año 2020a. ISSN: 2469-0414. Disponível em: <http://www.aquelarrerevistali.com/index.php/aquelarre/article/view/263/211>. Acesso em: 10 fev. 2021.

TENÓRIO, Jeferson. *Estela sem Deus*. Porto Alegre: Zouk, 2018.

TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

TENÓRIO, Jeferson. *O beijo na parede*. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.